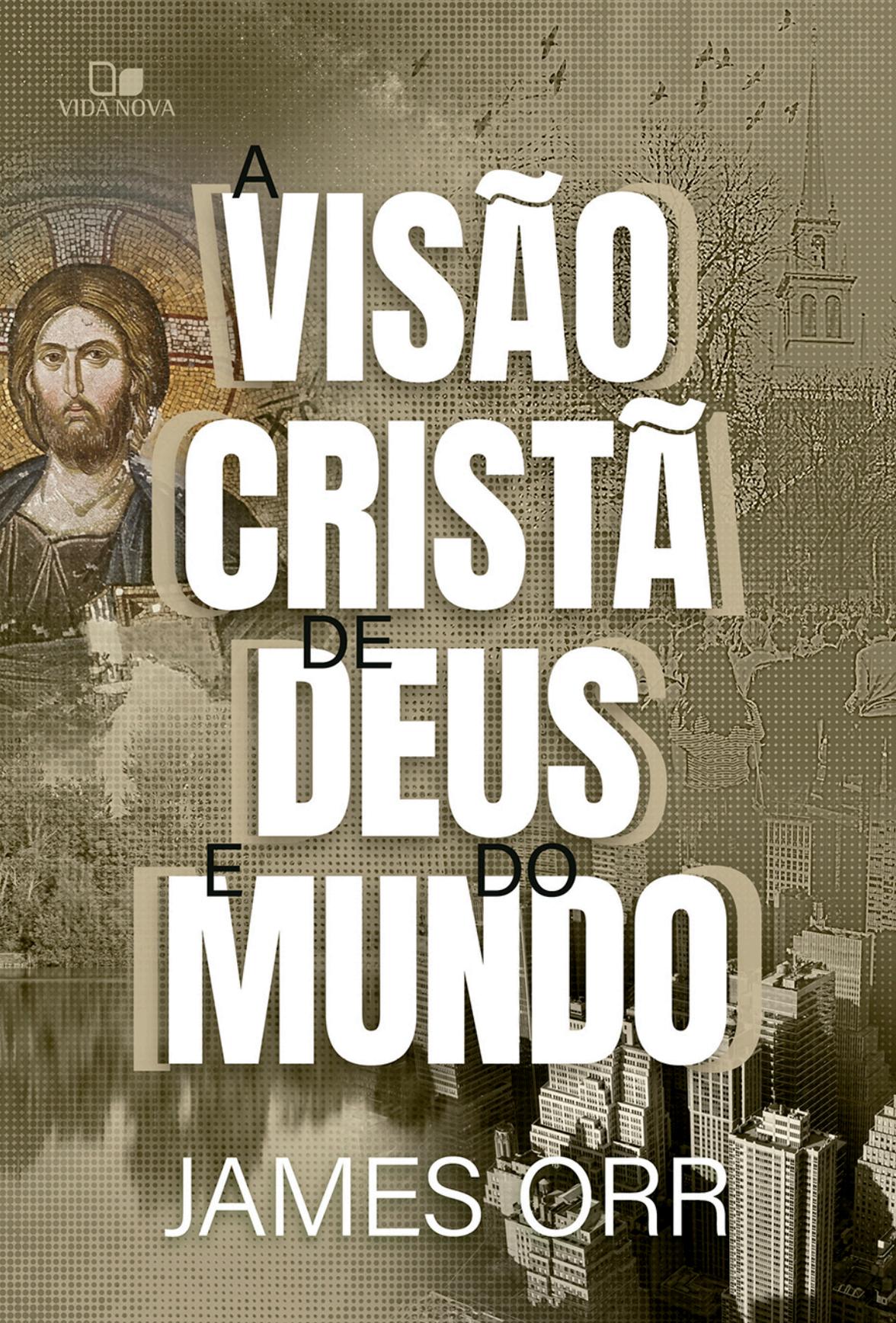




VIDA NOVA



A  
VISÃO  
CRISTÃ  
DE  
DEUS  
E DO  
MUNDO

JAMES ORR

# SUMÁRIO

Apresentação .....	31
Prefácio.....	33

## PRELEÇÃO I

### *A VISÃO CRISTÃ DO MUNDO EM GERAL*

#### **Questões introdutórias:**

O termo <i>Weltanschauung</i> .....	37
Necessidade de uma análise abrangente .....	37
Visão do cristianismo nas preleções .....	38
A <i>Weltanschauung</i> na história — Kant etc.....	38
Causas das visões gerais do mundo .....	40
Preferência da era por teorias gerais .....	41
Relação do cristianismo com as teorias do mundo .....	42
O cristão e as “modernas” visões de mundo .....	43
A questão do sobrenatural no cristianismo.....	44
A relação do cristianismo com outros sistemas não é de pura negação.....	45
A visão cristã do mundo baseada na do Antigo Testamento — a singularidade da última.....	47
Tendência geral e alcance das preleções.....	49

#### **Objecções *in limine*:**

I. Da teologia do sentimento.....	49
Análise do conceito segundo o qual a religião consiste apenas em emoção e sentimento:	
A religião tem a ver com ideias.....	50
A religião não é indiferente ao caráter de suas ideias.....	51
A religião implica fé num equivalente objetivo de suas ideias: visões estéticas da religião.....	51
Necessidade e espaço para uma religião que pode nos dar o verdadeiro conhecimento de Deus.....	53
Impossibilidade de extrair doutrina do cristianismo.....	53
Objecção à doutrina da espiritualidade do cristianismo .....	55
Objecção à doutrina por parte do positivismo cristão .....	55
A teologia de Schleiermacher.....	56
Objecção à doutrina extraída do <i>progresso</i> da teologia.....	58
II. Da distinção entre a visão “religiosa” e a visão “teórica” do mundo — a teologia ritschliana.....	59

Crítica da visão ritschliana — conhecimento religioso e teórico:  
 verdade relativa dessa distinção..... 61  
 Erro da visão ritschliana — impossibilidade de separar fé e razão,  
 ou o religioso do teórico..... 62  
 Em toda teologia há um elemento teórico implícito..... 63

**APÊNDICES À PRELEÇÃO I**

**APÊNDICE I**

**ESBOÇO DA VISÃO CRISTÃ..... 65**

**APÊNDICE II**

**IDEIA DE *WELTANSCHAUUNG*..... 69**

Literatura sobre o assunto..... 69  
 A. Baur: predominância do termo ..... 69  
     O empenho da era por visões gerais..... 70  
     A *Weltanschauung*, uma unidade do natural e da moral..... 70  
     Relação entre motivo teórico e motivo prático ..... 71  
 Visões que reconhecem unicamente o motivo prático: a escola ritschliana ..... 71  
 Ritschl e a origem da *Weltanschauung* ..... 72  
 O que diz Hermann a esse respeito ..... 73  
 O parecer de Kaftan..... 73

**PRELEÇÃO II**

***A VISÃO CRISTÃ E SUAS ALTERNATIVAS***

Magnitude do pressuposto na visão cristã ..... 77  
 Rejeição da doutrina da encarnação pela “mente moderna”..... 77  
 O lugar central da Pessoa de Cristo em sua religião ..... 78  
 Avaliações distintas da Pessoa de Cristo: métodos de conciliação ..... 79  
 O método desta preleção é recorrer à história. O movimento lógico  
     na história..... 80  
 Vantagens deste método..... 81  
 I. A história como uma série de alternativas: o movimento de declínio ..... 81  
     1. Primeira alternativa: um Cristo divino ou o humanitarismo ..... 82  
         Arianismo..... 82  
         O socinianismo e o antigo unitarismo ..... 83  
         Cristologia da escola de Schleiermacher..... 83  
         Nova onda de teologia da mediação na escola de Ritschl ..... 84  
         O veredito da história sobre as visões intermediárias..... 85

2. Segunda alternativa: um Cristo divino ou o agnosticismo.....	85
A fragilidade do deísmo .....	86
Necessidade de um teísmo vivo que tenha seu correlato na revelação ...	87
Insegurança de um teísmo extirpado de Cristo —	
Rathbone Greg etc.....	87
Não há espaço lógico seguro, a não ser o agnosticismo .....	88
3. Terceira alternativa: um Cristo divino ou o pessimismo .....	89
Influência deplorável do agnosticismo: corta o nervo da fé racional	
no progresso.....	89
Transição para o pessimismo: emprego dos grandes sistemas	
pessimistas.....	90
O pessimismo em nossa literatura: a tristeza do espírito cético .....	91
II. O movimento ascendente: do pessimismo a Cristo.....	91
Insuficiência do pessimismo como teoria da existência: regresso	
ao teísmo.....	91
A dialética do pessimismo: Schopenhauer e Hartmann.....	92
“Vontade” e “ideia”: suas relações.....	93
O “inconsciente” de Hartmann e seus atributos: inteligência,	
sabedoria, presciência, propósito .....	93
O “inconsciente” torna-se um “supraconsciente” .....	93
Atributos morais do Absoluto: agora chamado de Deus.....	94
Transição em Karl Peters: do pessimismo ao teísmo explícito.....	94
A alternativa do panteísmo: sua degradação em direção ao materialismo	
(Strauss, Feuerbach).....	95
O movimento mais nobre: a elevação ao teísmo.....	95
Fichte e Schelling.....	96
O desenvolvimento hegeliano .....	97
O neo-hegelianismo britânico, T. H. Green.....	97
Professor Seth.....	98
O teísmo obriga a crer na revelação .....	98
Reconhecimento geral da ideia de revelação nos sistemas modernos.....	99
Teoria moderna da revelação: o natural e o sobrenatural são aspectos	
diferentes do mesmo processo .....	99
Insuficiência dessa teoria: seu fim não corresponde ao seu começo.....	100
O Deus de Jesus tem acesso direto à alma humana.....	100
Martineau e Pfeleiderer .....	100

Resultado dessa teoria: expectativa da revelação especial.....	101
A vocação de Israel — Cristo, o Revelador supremo.....	102
Volta à revelação positiva na escola de Ritschl.....	102
Resumo: a fé teísta leva à fé em Cristo e só por meio dela pode se sustentar.....	103

**APÊNDICE À PRELEÇÃO II**

<b>O PESSIMISMO DO CETICISMO .....</b>	<b>104</b>
--	------------

Predomínio do pessimismo.....	104
-------------------------------	-----

Pessimismo do ceticismo:

Voltaire.....	104
Goethe.....	105
Renan.....	105
Professor Clifford.....	105
Professor Seeley .....	106
<i>Physicus em Uma análise franca do teísmo .....</i>	<i>106</i>
Theodore Jouffroy .....	107
Professor Huxley.....	108
Laveleye e Myers .....	108
Madame Ackermann.....	109
Desilusão na França.....	109
Emile Littré.....	110
Sully.....	110

**PRELEÇÃO III**

***O POSTULADO TEÍSTA DA VISÃO CRISTÃ***

O cristianismo é um sistema teísta .....	113
Só há três religiões monoteístas.....	113
O teísmo requer uma visão sobrenatural do mundo .....	113
Froude e Carlyle.....	114
A força do teísmo cristão é seu vínculo com a revelação.....	115
O ensino de Cristo abrange as afirmações de um teísmo completo.....	115
O caráter absoluto de Deus.....	115
Os atributos naturais .....	116
Os atributos morais.....	116
A paternidade divina .....	117
Como esse primeiro postulado da visão cristã se relaciona com o pensamento moderno?.....	118

I. A negação da visão cristã.....	118
A negação agnóstica: por que é assim considerada?.....	118
1. O agnosticismo nega a visão cristã de que Deus se autorrevela.....	119
2. A declaração de ausência de provas da existência de Deus equivale à negação da existência dele .....	119
O sr. Spencer admite uma realidade suprema, ou poder supremo.....	120
As contradições do parecer do sr. Spencer.....	120
O “Poder Inescrutável” do sr. Spencer não é, afinal, incognoscível.....	121
O avanço do sistema em direção ao teísmo proporcionado pelo sr. Fiske...	123
A incompreensibilidade de Deus reconhecida nas Escrituras e na teologia.....	123
O agnóstico precisa conhecer Deus para poder afirmar <i>a priori</i> que ele não pode revelar-se relacionalmente .....	124
II. Evidências favoráveis à visão cristã.....	125
1. Concessões da filosofia evolucionista.....	126
(1) Só a visão monoteísta é defensável.....	126
(2) O Poder que opera no universo é a origem da ordem racional.....	127
(3) O Poder que opera no universo é a fonte de uma ordem moral .....	128
O termo “pessoal” aplicado a Deus .....	131
2. Validade das “provas” teóricas da existência de Deus .....	132
Significado de “prova” aplicado à existência divina.....	133
(1) O argumento cosmológico.....	133
O mundo não é o Ser necessário — demonstração:	
i. Pela contingência da sua existência .....	134
ii. Pela dependência de suas várias partes.....	134
iii. Por sua sucessão temporal de efeitos.....	134
Objeção a essa prova: ela não mostra o que é o Ser necessário.....	135
A experiência religiosa correspondente a essa prova: consciência da dependência absoluta.....	135
(2) O argumento teleológico ou do projeto ( <i>design</i> ):	
A crítica de Kant.....	136
O argumento contra a criação a partir da evolução .....	136
Evolução provável — suas implicações .....	138

Duas perspectivas: evolução como desenvolvimento  
 proveniente de dentro e evolução como resultado do acaso.  
 Crítica da última perspectiva ..... 138  
 O que os fatos da evolução indicam..... 140  
 O argumento do projeto da criação é muito estreito.  
 O argumento mais amplo de ordem, plano, lei etc..... 140  
 (3) O argumento ontológico ..... 141  
 A forma do argumento segundo Anselmo e a crítica  
 de Kant ..... 142  
 “Realismo racional” ..... 144  
 A experiência religiosa correspondente aos argumentos  
 teleológico e ontológico, o senso imediato de “divindade e  
 poder eterno do Criador” ..... 144  
 Como explicar esse senso do divino?..... 145

III. O argumento moral

A declaração kantiana desse argumento ..... 146  
 Deus como postulado da Razão Prática ..... 148  
 A lei moral, os princípios morais e o ideal ético remetem a  
 um fundamento eterno..... 148  
 A experiência religiosa correspondente à prova moral..... 149  
 Conclusão..... 149

**APÊNDICE À PRELEÇÃO III**

**DEUS COMO POSTULADO RELIGIOSO** ..... 151  
 Deus como postulado da alma ..... 151  
 O que se exige de uma teoria da religião..... 151  
 Definição de religião..... 151  
 1. A alma, sendo pessoal, exige um objeto pessoal ..... 152  
 2. A alma, como espírito pensante, exige um objeto infinito ..... 152  
 3. A alma, que é ética, exige um objeto ético ..... 153  
 4. A alma, por ser inteligente, exige um objeto cognoscível ..... 153

**PRELEÇÃO IV**

***O POSTULADO DA VISÃO CRISTÃ DE MUNDO  
 EM RELAÇÃO À NATUREZA E AO HOMEM***

Segundo postulado da visão cristã: o homem criado à imagem de Deus .... 157  
 O parentesco de Deus com o homem implícito em todas as  
 doutrinas cristãs.....157

Especialmente implícito na encarnação.....	158
A doutrina do homem está intimamente vinculada à doutrina da natureza.....	159
I. A base natural: a doutrina da criação.....	159
Importância prática dessa doutrina .....	160
A consonância dessa doutrina com a razão: três oposições.....	161
1. A oposição do dualismo (Martineau, Mill e outros) .....	161
2. A oposição do panteísmo: origem lógica do universo (Espinosa, Hegel etc.).....	162
3. A oposição do ateísmo: autoexistência e eternidade do mundo.....	164
Evidências de um começo:	
(1) Os elementos primordiais.....	164
(2) A evolução implica um começo no tempo.....	165
(3) Interrupções na cadeia de desenvolvimento (Wallace etc.).....	166
Dificuldades da doutrina da criação no tempo.....	167
Soluções propostas:	
(1) Teoria da criação eterna.....	167
(2) Negação da existência do tempo para Deus .....	168
(3) Solução a ser buscada para o arranjo correto das relações do tempo com a eternidade .....	169
O motivo e o propósito da criação: Kant, Lotze e outros.....	170
II. A natureza do homem e seu lugar na criação: o homem é a causa máxima do mundo.....	171
Concordância entre as Escrituras e a ciência até este ponto .....	172
Ressalva necessária: o homem não é o único fim da criação .....	173
O homem é um ser complexo: o elo entre o natural e o espiritual, seu corpo é o vínculo com a natureza .....	174
A natureza espiritual do homem: exame dos termos bíblicos.....	175
O homem como portador da imagem de Deus .....	177
1. A imagem divina racional .....	177
2. A imagem moral divina.....	177
(1) A capacidade de conhecimento moral .....	177
(2) A capacidade de liberdade moral .....	178
(3) A posse de afeições morais.....	178
3. A imagem de Deus na soberania.....	179

O potencial infinito da natureza do homem: sombra dos atributos de Deus.....	179
A visão cristã se opõe ao materialismo: a tendência materialista da ciência moderna.....	180
O materialismo é um golpe na rocha da consciência.....	180
1. A forma mais grosseira de materialismo: equiparar mente e cérebro (Moleschott, Vogt e outros).....	181
2. Uma forma mais recente de materialismo: o monismo (Strauss, Haeckel etc.).....	182
O emprego da terminologia materialista por cientistas britânicos..	182
Ambiguidade do termo “matéria” em Tyndall e outros.....	183
II. A natureza do homem e seu lugar na criação ( <i>continuação</i> ) —	
A teoria materialista cai por terra em três aspectos.....	184
1. É incompatível com a “conservação de energia”.....	184
2. Contraste de dois conjuntos de fenômenos nas leis de sucessão deles.....	185
3. Incompatibilidade entre autoconsciência e liberdade moral.....	187
Refutações finais do materialismo: a matéria precisa do pensamento para explicá-la.....	188
III. O homem, feito à imagem de Deus, é constituído para a imortalidade; o aspecto bíblico será tratado em outra ocasião. Opinião da natureza sobre esse assunto.....	
A rejeição moderna da doutrina de vida futura .....	189
Alegação científica dessa rejeição: sua indefensabilidade.....	190
Disposição da parte dos crentes na revelação para minimizar as evidências naturais da imortalidade.....	191
Se o homem foi criado para a imortalidade, tal fato deve se manifestar em sua natureza e capacidades.....	191
1. Predomínio universal da crença num estado futuro: a teoria de Spencer a esse respeito; sua insuficiência.....	192
2. Fundamentos racionais para essa crença: natureza das evidências... 194	
(1) O escopo da natureza do homem é grande demais para o seu atual lugar de existência.....	195
(2) A imortalidade envolvida na visão de vida como disciplina moral.....	196
(3) A imortalidade é a solução para os enigmas da vida; para sua incompletude, injustiças etc.....	197

(4) Somente sob a influência dessa esperança as faculdades humanas encontram seu mais elevado alcance e ação — J. S. Mill .....	198
Conclusão.....	199

## PRELEÇÃO V

### *O POSTULADO DA VISÃO CRISTÃ EM RELAÇÃO AO PECADO E À DESORDEM DO MUNDO*

Terceiro postulado da visão cristã: o pecado e a desordem do mundo .....	203
O problema do mal natural e moral .....	203
O cristianismo não cria o problema, mas ajuda a resolvê-lo .....	204
O mal natural pressupõe o mal moral .....	204
O problema existe apenas para o teísmo .....	204
I. O problema do mal moral: conflito entre a visão cristã e a visão moderna sobre ela.....	
Aspectos em que a visão moderna da visão cristã.....	205
1. Reconhecimento mais decidido da presença universal do mal .....	205
2. Abandono de visões rasas da bondade inerente da natureza humana .....	206
3. Reconhecimento do princípio orgânico na vida humana: a hereditariedade.....	207
A visão moderna e a negação ritschliana do pecado original.....	208
Diferença fundamental entre a visão cristã e a visão moderna.....	209
A ideia cristã de pecado: aquilo que absolutamente não deve ser — seus pressupostos.....	209
O pecado como revolta contra Deus e instituição de falsa independência..	210
Efeitos do pecado na relação verdadeira entre o natural e o espiritual.....	211
Confirmação na consciência.....	211
O pecado na visão cristã não é algo natural, normal e necessário, mas, sim, a consequência de um ato livre da criatura.....	212
Teorias do pecado opostas à visão cristã.....	213
1. Teorias que buscam o fundamento do mal na constituição original do mundo .....	213
2. Teorias que buscam a explicação do mal na natureza do homem....	214
(1) Teorias metafísicas do pecado .....	214
(2) Teorias éticas e pretensamente cristãs .....	214
(3) Teorias da evolução: inferiores e superiores.....	215
Em todas essas teorias, o pecado fez algo necessário .....	216

Tentativas de negar essa conclusão:	
Hegel.....	216
Schleiermacher .....	216
Lipsius e Ritschl .....	217
Enfraquecimento ou destruição da ideia de culpa .....	217
Teorias de Schleiermacher, Lipsius e Ritschl.....	218
As diferenças entre a visão cristã e a visão moderna dependem da teoria da origem.....	218
Consequências na teoria da brutalidade original do homem .....	219
Impossibilidade de conciliar a visão cristã com as teorias modernas do homem primevo .....	220
Relação com a narrativa da Queda .....	220
Os fatos da antropologia contradizem a visão cristã? .....	221
O “elo perdido”.....	221
Nenhum conflito essencial com a teoria da evolução .....	221
O homem: início de um novo reino .....	222
A arqueologia prova a condição originalmente selvagem do homem?.....	222
As raças selvagens representam o estado original?.....	222
Evidências de civilizações antigas.....	223
A religião evolui do fetichismo para o monoteísmo?.....	223
Relação da visão cristã com as teorias modernas da antiguidade do homem.....	223
Estado atual da questão.....	224
A ciência não nega a ideia de um começo de pureza da raça: o relato bíblico do homem primevo.....	224
II. O problema do mal natural: relação com o mal moral .....	225
O mal natural no mundo inanimado .....	226
O mal natural no mundo orgânico:	
(1) Não senciente (vegetal) .....	227
(2) Senciente (animal) .....	227
Relação com a justiça e a bondade do Criador .....	227
O mundo dos seres sencientes é infeliz? .....	227
A visão bíblica da natureza é predominantemente otimista .....	228
A real questão: há lugar para gradação de existências? .....	229
A questão muda quando chegamos ao homem racional e autoconsciente: um ser que é um fim em si mesmo .....	229
Os benefícios disciplinares do sofrimento e outros dissabores são inadequados como solução completa. Discussão dessa teoria .....	230

A relação dos males naturais com o pecado: natureza e admissibilidade dessa relação.....	232
A pergunta mais profunda: a própria natureza está em condição normal? A resposta bíblica é negativa .....	233
A visão paulina: o que ela significa .....	233
1. A teoria de que a natureza tinha desde o início uma relação teleológica com o pecado humano .....	234
2. A afirmação do apóstolo acerca da sujeição da criação à “vaidade” ..	234
3. A terra escravizada à deterioração pela presença do homem e de seu pecado sobre ela .....	235
III. Culminância desse problema quanto à relação do pecado com a morte .....	235
Essa relação não é mero acaso da visão cristã, e sim faz parte de sua essência.....	236
A mortalidade original do homem não se provou nem pela lei da morte na criação animal nem por sua presente universalidade.....	236
Distinção entre o homem e os animais.....	237
A morte é uma contradição da natureza do homem — a rendição de partes essenciais do seu ser —, portanto é anormal.....	237
A doutrina bíblica da imortalidade.....	238
1. Baseia-se na doutrina da natureza do homem como ser composto....	238
2. Em parte alguma do projeto do Criador se prevê que corpo e alma devam separar-se .....	238
3. A alma separada do corpo está mutilada e em estado de imperfeição: um estado intermediário .....	239
4. A verdadeira imortalidade vem pela redenção e abrange a ressurreição do corpo .....	239

#### APÊNDICE À PRELEÇÃO V

A DOUTRINA DA IMORTALIDADE DO ANTIGO TESTAMENTO .....	240
Influência da discussão prévia da doutrina da imortalidade no Antigo Testamento.....	240
A doutrina tem sido procurada no lugar errado .....	240
Conceito de <i>sheol</i> para os hebreus .....	240
Egípcios, babilônios e outros .....	241
Associações lúgubres no Antigo Testamento .....	241

## Passagens que exemplificam:

Gênesis e outros textos.....	242
Jó.....	242
Salmos.....	242
Ezequias.....	243
Não é nessa direção que temos de procurar a doutrina da esperança imortalidade no Antigo Testamento: ela abrange a ideia de relação com Deus e ressurreição.....	243
A imortalidade no Éden.....	243
Nova introdução de uma lei de imortalidade com Enoque.....	243
Este é o tipo de imortalidade da Bíblia: ela abrange a personalidade toda.....	244
Análise da opinião de que a doutrina da ressurreição é tardia entre os hebreus, derivada do parsismo e outras tendências.....	244
Contra-argumento: essa doutrina percorre todo o Antigo Testamento.....	244
Crenças dos egípcios.....	244
Os babilônios e os assírios.....	245
Os persas. Não é certo que essa doutrina seja encontrada em partes mais antigas do Zendavestá.....	245
Poucas referências, e ambíguas, nos escritos zoroastristas não explicam a relevância da doutrina no Antigo Testamento.....	245
Análise de evidências: os livros mais antigos.....	246
Abraão.....	246
As palavras ditas a Moisés: “Eu sou o Deus de Abraão...”.....	246
Os livros posteriores: Jó, Salmos e dos profetas.....	247
Livro de Jó: o retrato das condições patriarcais.....	247
Jó 14: expectativa da ressurreição.....	247
O ponto de vista do Dr. Davidson.....	248
Jó 19.25-27, a ressurreição novamente implícita.....	248
“Dentro” ou “fora” do corpo.....	248
Os Salmos: a opinião do Dr. Cheyne.....	249
As passagens que ensinam a imortalidade subentendem a ressurreição.....	249
Salmos 16.8-11.....	249
Salmos 17-15.....	250
Salmos 49.14-15.....	250
Referências à história de Enoque.....	251
Salmos 73.23-26.....	251
Os livros proféticos: a ideia de ressurreição é conhecida.....	251
Oseias 6.2; 13.14.....	252

Isaías 25.6-8; 26.19 e outras.....	252
Daniel 12.2.....	252
No fim, apenas uma esperança fundada na relação do crente com Deus ...	252
Citando o Dr. Davidson.....	253

## PRELEÇÃO VI

### *A PRINCIPAL ASSERTIVA DA PERSPECTIVA CRISTÃ: A ENCARNAÇÃO DE DEUS EM CRISTO*

Conclusão do argumento da segunda preleção.....	257
Por que não podemos nos contentar com uma concepção inferior de Cristo?.....	257
Objecção <i>a priori</i> à encarnação com base na humildade de Cristo.....	258
Comparação com as afirmações dos teólogos liberais e evolucionistas .....	258
I. Testemunho da era apostólica lança luz sobre as afirmações de Cristo .....	259
Prerrogativas que a igreja primitiva atribuiu a Cristo .....	260
A reivindicação de juiz do mundo.....	260
Consenso moderno sobre o ensino geral dos livros do Novo Testamento: os escritos joaninos.....	261
Martineau: a divindade de Cristo no Quarto Evangelho .....	261
As epístolas de Paulo:	
1. As epístolas de autoria indisputável .....	262
Teoria do “homem celestial” .....	263
2. As epístolas posteriores: cristologia de Filipenses e outras .....	263
Unidade substancial de doutrina nas epístolas antigas e novas ....	264
Paulo assume o tempo todo que sua doutrina é a mesma das igrejas para as quais escreve.....	265
A Epístola aos Hebreus: um testemunho independente.....	265
O Apocalipse como representação do ponto de vista judaico-cristão .....	266
A doutrina do Apocalipse: tão elevada quanto a de João ou a de Paulo — Reuss e Pfeiderer.....	267
As epístolas menores e as de Pedro	
1. 1Pedro.....	268
2. Tiago.....	268
3. Judas.....	268
Pregações em Atos .....	269

Conclusão: o conceito sobrenatural da Pessoa de Cristo consolidado na primeira geração de crentes .....	269
II. O testemunho dos Evangelhos: Cristo no Quarto Evangelho; a questão da autenticidade, relação com Fílon e outros .....	270
Os Sinóticos apresentam uma visão diferente? .....	271
O Cristo dos Sinóticos também é um ser sobrenatural.	
Sua humanidade.....	271
Aspectos mais elevados.....	271
A crítica não pode eliminar o elemento sobrenatural.....	271
O sobrenatural pertence à essência da representação .....	272
1. As afirmações de Jesus: os títulos “Filho do Homem” e “Filho de Deus” .....	272
Relação com o reino de Deus etc. ....	273
Suas afirmações escatológicas.....	273
Confissão de Pedro.....	274
2. Representação do caráter de Cristo: sua impecabilidade.....	274
Confirmado pelas testemunhas mais antigas .....	274
Reconhecido por teólogos modernos: Vatke, Schleiermacher, Lipsius e outros .....	275
3. As obras de Jesus em conformidade com suas afirmações .....	275
4. A ressurreição de Cristo, a fórmula trinitária etc. ....	276
A descrição sinótica de Cristo em conformidade com a avaliação apostólica da Pessoa dele. Esta precisa da primeira como base .....	277
Conclusão: os fatos da revelação de Cristo exigem a visão sobrenatural de sua Pessoa; a impossibilidade de fugir de suas declarações .....	278
III. Aspectos doutrinários da encarnação: reconstruções propostas .....	278
Em que sentido as teorias modernas atribuem “divindade” a Cristo: Rothe, Ritschl, Lipsius e outros .....	279
Duas questões em relação a essas teorias.....	281
1. Primeira questão: essas teorias são sustentáveis por seus próprios méritos? Necessidade de distinguir duas classes.....	281
(1) As que não pressupõem fundamento transcendental para o predicado “divindade” atribuído a Cristo; Schleiermacher, Ritschl, Lipsius e outros .....	281
(2) As [teorias] que pressupõem efetivamente um fundamento transcendental para esse atributo: Rothe e Beyschlag.....	282

Incoerências da teoria de Rothe .....	283
Acrescenta uma nova Pessoa à Divindade .....	284
Dificuldades da teoria de Beyschlag acerca de uma humanidade celestial .....	284
2. Segunda questão: essas teorias fazem justiça aos fatos da revelação de Cristo?.....	284
O que não é e o que é a verdadeira encarnação.....	285
3. Análise das teorias quenóticas (Fp 2.7).....	286
Principal dificuldade dessas teorias.....	286
Relação da discussão precedente com as primeiras decisões cristológicas. O pensamento moderno não terá mais nenhum esclarecimento sobre os problemas cristológicos? Avanços na pesquisa moderna.....	287
A questão da impessoalidade da humanidade de Cristo.....	288
Objecções à visão mais antiga, que afeta a integridade e a realidade da humanidade de Cristo .....	288
Análise dessas objeções:	
1. Podemos atribuir uma personalidade independente à humanidade de Cristo?.....	288
2. A personalidade divina diminui a realidade da natureza humana? Possível solução desse problema na relação original do Logos divino com a humanidade.....	289
Essa doutrina não nega uma verdadeira personalidade humana em Cristo, mas apenas sua não identidade com o divino .....	290
A encarnação deve ser estudada à luz de seus fins revelados .....	290

## APÊNDICE À PRELEÇÃO VI A AUTOCONSCIÊNCIA DE JESUS

O interesse moderno por essa questão .....	292
Principais pontos discutidos .....	292
1. Fato fundamental da consciência de Cristo .....	292
2. Quando Cristo se deu conta de seu chamado messiânico? .....	293
3. O “plano” de Cristo foi sempre o mesmo o tempo todo? .....	293
4. Significado e origem dos títulos “Filho do Homem” e “Filho de Deus”..	293
Visões de autores importantes.....	293
Beyschlag.....	294
H. Schmidt.....	296
Grau.....	297
Baldensperger .....	298

**PRELEÇÃO VII**  
**O CONCEITO SUPERIOR DE DEUS SUBENTENDIDO NA**  
**ENCARNAÇÃO — A ENCARNAÇÃO**  
**E O PLANO DO MUNDO**

A conclusão a que chegamos.....	303
Recapitulação de teorias deficientes .....	303
<b>I. Conceito superior de Deus presente na encarnação: Deus trino.....</b>	<b>304</b>
A doutrina da Trindade não é um simples mistério — testemunhos de sua importância .....	304
Essa doutrina resulta da indução dos fatos da revelação.....	305
Até que ponto essa doutrina é prevista no Antigo Testamento?.....	306
Importância do nome no plural .....	306
1. O Anjo de Jeová .....	306
2. A doutrina do Espírito no Antigo Testamento.....	307
Filosofia investigativa moderna.....	309
A verdadeira objeção deve ser contra as diferenciações pessoais.....	309
Desvantagens da palavra “pessoa” .....	309
Uso antigo dos termos: o que Agostinho disse sobre isso.....	309
Necessidade da expressão .....	310
Prova de que estão implícitas distinções desse tipo .....	310
A fórmula trinitária — implícita na filiação divina de Cristo; implícita nos testemunhos sobre o Espírito .....	310
Outra visão: Trindade econômica.....	311
Dificuldades dessa visão: o sabelianismo antigo e o moderno .....	311
Relações dessa doutrina com o pensamento lógico .....	312
Reconhecimento de um elemento racional envolvido na tentativa de explicá-la pela filosofia .....	312
Analogias psicológicas em Agostinho e outros.....	313
Imperfeição das analogias.....	313
Analogia com a capacidade da mente de conversar consigo mesma .....	314
Relação da doutrina com a autoconsciência etc. Seu valor positivo nesse aspecto.....	314
1. A dedução pelo conhecimento .....	314
Hipótese de que a consciência divina é mediada pela ideia do mundo .....	315

Objeções:	
(1) Subordina Deus ao mundo.....	315
(2) O objeto é tão somente ideal.....	315
(3) O objeto é finito.....	315
(4) O objeto não é pessoal.....	315
A visão cristã: a consciência divina automediada pelo Filho e o Espírito.....	316
2. A dedução do amor.....	316
A hipótese oposta: o amor num Deus solitário.....	317
3. Dedução pela paternidade divina: Deus eternamente Pai .....	317
O que pensa a esse respeito R. H. Hutton.....	318
4. Influência da Trindade sobre a relação de Deus com o mundo .....	318
A salvaguarda contra o deísmo e o panteísmo .....	319
II. A perspectiva das Escrituras alinha a criação e a redenção: consequências....	319
Relação da encarnação com o plano do mundo.....	319
Teria havido encarnação se o homem não tivesse pecado? .....	320
A rejeição dessa pergunta mostra que ela é presunçosa .....	320
Contudo,	
1. A pergunta surge naturalmente do tema .....	320
2. Sempre se impôs à mente da igreja .....	321
3. Não explicitada por alguns ensinamentos das Escrituras .....	321
A história da questão.....	321
O ponto forte contra essa teoria: a ligação constante da encarnação com a redenção.....	322
Passagens que dão a entender uma visão mais ampla .....	322
Dificuldade decorrente de uma visão muito abstrata do plano divino .....	323
O plano de Deus é o mesmo sempre e abrange presciência e permissão do pecado.....	323
Relação do calvinista e do arminiano com essa questão .....	323
Criação baseada no plano da redenção .....	324
A grande importância dessa questão deve ser atribuída ao propósito revelado: a reunião de todas as coisas em Cristo.....	324
Esse fim não é arbitrário, e sim um fim para o qual o universo já foi preparado.....	324
O Dr. Fairbairn concorda em grande medida com essa perspectiva .....	325
Harmonia das Escrituras com essa perspectiva .....	325

1. As Escrituras reconhecem apenas um propósito divino indiviso .....	326
2. Estabelece uma relação direta do Filho com a criação .....	326
3. Representa Cristo como a causa suprema da criação.....	326
4. O propósito de Deus de fato visa à unificação de todas as coisas em Cristo.....	327
Sumário e conclusão.....	327
Essa perspectiva reflete a luz na Pessoa de Cristo .....	327
Harmonia com os postulados anteriores .....	328

## PRELEÇÃO VIII

### *A ENCARNAÇÃO E A REDENÇÃO DO PECADO*

Cristianismo: uma religião de redenção .....	331
Perspectivas de que não se trata aqui .....	331
Contraposição com o budismo.....	332
Questão fundamental: o vínculo da redenção com os sofrimentos e a morte de Cristo.....	332
I. O testemunho das Escrituras sobre o assunto: o testemunho apostólico .....	333
O ensino de Cristo concorda com o dos apóstolos? Bases de contestação para essa ideia.....	334
Insuficiência dessas bases .....	335
Prova de que Cristo atribuiu significado redentor à sua morte.....	336
Fundamentos sobre os quais a igreja apostólica procedia .....	337
1. Os fatos objetivos da morte e ressurreição de Cristo, entre outros, precisam de explicação .....	337
2. As pregações de Cristo sobre o significado e a necessidade de sua morte.....	338
3. O ensino da antiga aliança lançava luz sobre a obra de Cristo .....	338
(1) As profecias — Isaías 53.....	338
(2) A Lei gera o senso do pecado, o sentimento da necessidade de expiação .....	338
(3) A economia sacrificial.....	339
II. Explicação do significado redentor dos sofrimentos e da morte de Cristo: teorias da expiação.....	339
Legitimidade da investigação sobre o assunto .....	339
Elementos de verdade em <i>todas</i> as teorias .....	340
Tendência das discussões modernas sobre o tema: desejo de associar a expiação com leis espirituais.....	340

A expiação do ponto de vista da encarnação .....	341
Teorias que enfatizam esse ponto de vista .....	341
Três pontos dados como indiscutíveis em todas as teorias da redenção:	
1. Remoção da culpa: perdão. 2. O fim da inimizade do pecador.	
3. Comunhão de vida com Cristo.....	342
As teorias divergem à medida que se associam a um ou outro dos	
pontos de vista seguintes .....	342
1. A redenção como recepção no corpo de Cristo.....	342
2. A obra de Cristo como a dinâmica moral suprema .....	343
3. A obra de Cristo como expiação .....	343
Análise mais detalhada das teorias	
1. Teorias de comunhão — Schleiermacher e outros .....	343
Relação representativa de Cristo .....	344
A perspectiva de Schleiermacher dos sofrimentos de Cristo .....	344
2. Teorias baseadas na ideia de solidariedade: Bushnell.....	345
A substituição verdadeira requer identificação solidária — forças	
vicárias na vida .....	346
Pontos em que essa teoria deixa a desejar .....	347
Demonstração de solidariedade: em quê?.....	348
Remove a obra de Cristo de sua posição exclusiva — o não	
reconhecimento de seu caráter expiatório.....	349
Posterior mudança de ponto de vista do Dr. Bushnell.....	349
Reconhecimentos surpreendentes em sua obra mais antiga .....	349
3. Teorias baseadas na ideia de vocação: Ritschl.....	351
Teorias que reconhecem um elemento <i>objetivo</i> na expiação.	
Em que ele consiste? .....	353
4. Teorias baseadas na ideia de submissão voluntária da santa	
vontade a Deus — Maurice e outros.....	353
Elementos verdadeiros dessa teoria — os problemas dela .....	354
5. Teorias que reconhecem uma relação com a culpa:	
Dorner e outros .....	355
Teoria de Campbell de arrependimento e confissão vicários .....	356
Elementos mais profundos na visão do Dr. Campbell: o “amém”	
em resposta ao juízo divino sobre o pecado .....	356
Essa reação produzida em uma experiência real das consequências	
penais do pecado .....	358
Os sofrimentos de Cristo considerados expiatórios.....	359

Objecções a essa visão: o inocente sofre pelos culpados .....	360
Isso — em si um fato da experiência comum — brota da relação estrutural da humanidade .....	360
A verdadeira pergunta: “Como esses sofrimentos seriam expiatórios para outros?”. Resposta sugerida.....	361
Recapitulação e conclusão .....	361
Somente o Filho encarnado pode produzir a redenção .....	362

## PRELEÇÃO IX

### *A ENCARNAÇÃO E O DESTINO HUMANO*

Necessidade de uma escatologia .....	367
A escatologia na filosofia e na ciência .....	367
A visão cristã é escatológica porque é teleológica.....	368
I. A objeção da astronomia ao cristianismo .....	369
Réplica: os mundos são habitados? .....	370
A objeção é quantitativa .....	371
A influência do pecado nessa questão .....	372
A objeção do sr. Spencer .....	372
As questões da redenção não restritas a este planeta.....	373
II. Princípios de interpretação da profecia escatológica .....	373
Ritschl rejeita a escatologia.....	374
Ritschl e Kaftan — sobre o reino de Deus.....	374
O alvo mais próximo do cristianismo: a vinda do reino de Deus à terra.....	374
Relação disso com os movimentos sociais modernos .....	375
A história tem seu objetivo: transição para a escatologia .....	376
O lado positivo e alvissareiro da visão cristã.....	376
II. Princípios de interpretação da profecia escatológica ( <i>continuação</i> )	
Três coisas estão claras:	
1. Em relação ao crente, o objetivo é a conformidade com a imagem do Filho.....	376
2. Isso inclui a semelhança com o seu corpo glorioso; a ressurreição .....	377
(1) A redenção do corpo não é acidental, e sim parte essencial da visão cristã.....	377

(2) Essa doutrina não foi exposta a algumas objeções feitas contra ela .....	378
A verdadeira doutrina da ressurreição: qual identidade física? .....	378
A analogia de Paulo .....	378
(3) Não uma ressurreição na morte, mas um acontecimento futuro .....	379
3. O aperfeiçoamento da igreja acarreta o aperfeiçoamento da natureza .....	380
Elementos pictóricos e cênicos:	
1. O advento pessoal: como interpretá-lo? .....	380
O ponto de vista de Beyschlag .....	380
A vinda, um processo em que muitos elementos fluem juntos .....	381
Ainda assim, há uma segunda vinda implícita.....	381
2. O julgamento geral .....	382
Certeza disso.....	382
Caráter parabólico das descrições.....	382
III. O lado sombrio desse problema: o destino dos perversos .....	382
Três teorias sobre esse tema:	
1. O universalismo dogmático.....	383
2. A doutrina da aniquilação, imortalidade condicional .....	383
3. A doutrina do castigo eterno.....	384
Exposição das principais posições:	
1. O princípio da punição certa pelo pecado .....	384
2. Necessidade de distinguir entre o que as Escrituras ensinam e assuntos sobre os quais ela simplesmente nada diz .....	385
3. Uma análise mais ampla do que a que temos atualmente. Razão para uma visão ampla das questões do esquema cristão ....	385
A questão dos pagãos.....	386
Graus de responsabilidade mesmo em relação ao ensino do evangelho.....	386
Crítica das teorias:	
1. As Escrituras não prometem o universalismo dogmático.....	387
Passagens aduzidas em favor dessa visão inconclusiva .....	387
2. As Escrituras não admitem o aniquilacionismo .....	388
A hipótese é possível da perspectiva abstrata, mas as Escrituras não a justificam .....	388

Crítica à teoria de Edward White:

(1) Seu suposto amparo nas Escrituras .....	389
Contradições internas da teoria: os ímpios não serão destruídos na morte .....	389
(2) Elimina as gradações do castigo ou escapa dele por incoerência apenas .....	389
(3) O emprego não bíblico dos termos “vida” e “morte” nessa teoria.....	390
Não satisfeito com sua teoria, o sr. White procura alívio na ideia da provação futura .....	390
Proximidade com o universalismo.....	391
3. Teoria da provação futura.....	391
Sua ampla aceitação ultimamente .....	391
Baseia-se mais em princípios gerais do que em informações claras das Escrituras .....	392
Fatos que inspiram cautela:	
(1) Concentração de todo aspecto de exortação e apelo no presente.....	392
(2) O julgamento é quase sempre representado como decorrência dos dados desta vida.....	392
(3) O silêncio das Escrituras sobre a provação futura: limites da aplicação de 1Pedro 3.19-20; 4.6.....	393
Contudo, de algum modo as questões de vida devem ser tratadas no invisível.....	393
Resultado: não temos os elementos para uma solução completa.....	394

Conclusão das preleções .....	394
-------------------------------	-----

APÊNDICE

A IDEIA DO REINO DE DEUS

Relação deste tema com o curso .....	399
I. O lugar da ideia do reino de Deus na teologia: perspectivas recentes.....	399
Razões para não tratar o reino de Deus como um conceito que abrange tudo.....	400
1. O reino de Deus não é apresentado dessa forma no Novo Testamento .....	400

2. Não é uma ideia que possa ser tratada como uma quantidade fixa .....	401
3. Na prática é difícil submeter toda a teologia a esse conceito....	401
4. O verdadeiro lugar dessa ideia é uma concepção teleológica....	402
II. O ensino de Jesus sobre o reino de Deus	
1. O reino como realidade presente e em desenvolvimento .....	402
2. Natureza do reino de Deus na terra.....	403
(1) Apenas o aspecto religioso e ético desse reino tem destaque .....	404
(2) Contudo, é um princípio que afeta a sociedade em todas as suas relações .....	404
Cristo reconhece:	
(a) A visão pressuposta do Antigo Testamento, a relação de Cristo com o mundo e a sociedade .....	405
(b) O mundo em sua condição atual é hostil, mas é suscetível de redenção e renovação.....	405
(c) Reconhecimento positivo de Cristo da ordem divina da sociedade e o dever dos seus discípulos de trabalhar nela e salvá-la .....	406
(3) A relação da ideia do reino de Deus com a da igreja .....	406
III. O reino de Deus e a nova vida da humanidade .....	407
1. O princípio dessa nova vida é Cristo ressurreto e exaltado .....	407
2. Essa nova vida é: (1) uma vida na alma do indivíduo e (2) na sociedade.....	408
3. O reino de Deus como o centro da providência divina .....	408

# ÍNDICE DAS NOTAS

## PRELEÇÃO I

Exemplos da palavra <i>Weltanschauung</i> e termos correlatos .....	413
Classificação da <i>Weltanschauung</i> .....	415
Metafísica do inconsciente .....	420
Alcance da reivindicação científica moderna .....	421
Antagonismo entre a visão de mundo cristã e a “moderna”: o antissobrenaturalismo da última .....	422
Conflitos internos da visão “moderna” .....	424
Singularidade da visão do Antigo Testamento.....	428
Origem da visão do Antigo Testamento — relação com as teorias críticas.....	431
Natureza e definição de religião.....	433
Religião não dogmática .....	440
Teorias estéticas da religião.....	442
Schleiermacher e a dogmática .....	443
Conhecimento religioso e teórico .....	444
Ritschl — sobre religião e filosofia .....	445
A teoria hegeliana da religião .....	446

## PRELEÇÃO II

O lugar central de Cristo em sua religião .....	449
A derrota do arianismo .....	450
Unitarismo moderno.....	452
Concessões dos ritschlianos sobre a Pessoa de Cristo.....	454
A fragilidade do deísmo.....	456
A fragilidade do protestantismo liberal moderno .....	457
O cristianismo e a ideia de progresso.....	460
A predominância do pessimismo.....	461
A literatura do pessimismo.....	462
Transição do pessimismo para o teísmo — Hartmann e Karl Peters.....	463
Materialismo na Alemanha .....	465
A filosofia posterior de Fichte .....	466

Teoria moderna da revelação .....	468
A razoabilidade da revelação.....	469
A doutrina ritschliana da revelação.....	471

### PRELEÇÃO III

Fetichismo primitivo e adoração de espíritos.....	475
O monoteísmo do Antigo Testamento .....	478
A ideia hegeliana de Deus .....	481
Deficiências da visão neo-hegeliana.....	481
Kant e o argumento cosmológico .....	484
Kant e o argumento teleológico.....	485
Escolas de evolucionistas .....	487
Kant e o argumento ontológico .....	490
Realismo racional.....	490

### PRELEÇÃO IV

A história da criação.....	493
Evolução da natureza inorgânica — a hipótese nebular.....	495
A hipótese dos ciclos.....	496
“Criação eterna”.....	499
Eternidade e tempo.....	501
O homem — o cabeça da criação .....	502
A mente e a causação mecânica .....	504
A mente e a atividade cerebral.....	506
Schleiermacher e a imortalidade.....	509

### PRELEÇÃO V

Defeitos da criação: um argumento contra o teísmo.....	511
Teorias dualistas da origem do mal.....	512
A doutrina do pecado de Hegel.....	514
A doutrina da culpa em Ritschl .....	515
Suposta selvageria primitiva da humanidade .....	516
Primeiras ideias monoteístas.....	519
A antiguidade do homem e o tempo geológico .....	522
A ligação entre pecado e morte.....	525

### PRELEÇÃO VI

A doutrina da preexistência .....	527
Fílon e o Quarto Evangelho .....	529
A ressurreição de Cristo e a realidade da sua afirmação de divindade.....	532

### PRELEÇÃO VII

Teorias recentes sobre a Trindade .....	537
O trinitarismo do Dr. Martineau.....	543

### PRELEÇÃO VIII

A teoria seminal da justificação .....	547
--	-----

### PRELEÇÃO IX

A escatologia de Renan .....	551
O evangelho e a imensidão da criação .....	552
Suposto universalismo paulino .....	554
Índice remissivo.....	559

# APRESENTAÇÃO

*Weltanschauung* é uma palavra de origem alemã geralmente traduzida pelos portugueses por “mundividência” e pelos brasileiros por “cosmovisão”. Ambos entendem que a palavra significa nada mais que “visão de mundo”. E eles estão certos. Contudo, a palavra também pode apontar para um conceito filosófico bem mais complexo, que deu origem a uma das mais importantes e controversas teorias da história da filosofia moderna e contemporânea: a *Weltanschauungslehre* (teoria da cosmovisão). Portanto, estamos diante de uma palavra e um conceito recentes, tanto na história da língua alemã quanto na própria filosofia alemã.<sup>1</sup> A maioria dos filólogos alemães atribui a primeira ocorrência do conceito a Immanuel Kant (1724-1804), que cunhou a palavra em sua *Crítica da faculdade do juízo* [*Kritik der Urteilkraft*], publicada em 1790.<sup>2</sup> A partir de então, o conceito foi incorporado à tradição filosófica da modernidade por filósofos como Fichte, Schelling, Hegel, Nietzsche, Kierkegaard, Brentano, Dilthey, para citar apenas alguns.

Embora o conceito tenha sua origem no final do século 18, só no século 20 ele ganha uma abordagem teórica mais rigorosa, consolidando inclusive uma escola filosófica, a *Weltanschauungsphilosophie* (filosofia da cosmovisão).<sup>3</sup> A obra do nosso autor, James Orr (1844-1913), está situada justamente nessa transição entre o uso arbitrário do termo pelas mais diversas abordagens filosóficas e o surgimento de uma escola filosófica que deu um tratamento mais teórico e sistemático ao conceito. Diferente de Edmund Husserl, pai da fenomenologia e crítico mordaz da filosofia da cosmovisão, Orr era mais otimista. Prova disso é a publicação, em 1893, de *A visão cristã de Deus e do mundo*, um inegável esforço de recepção

---

<sup>1</sup>No “Apêndice II: Ideia de *Weltanschauung*” de *A visão cristã de Deus e do mundo*, James Orr se lamentou pela pouca atenção que os alemães de então tinham dado ao conceito. Em suas palavras: “A história desse termo ainda não foi escrita. Um aporte especial, o melhor, para a discussão dessa ideia foi o que encontrei num livro intitulado *Die Weltanschauung des Christenthums* [A *Weltanschauung* da cristandade], de August Baur (1881), que lamento ter descoberto só depois de concluído este livro”. Em 2002, David K. Naugle nos brindou com a mais atual e acurada história do conceito, tão desejada por Orr, a saber, *Cosmovisão: a história de um conceito* (Brasília, DF: Monergismo, 2017).

<sup>2</sup>Cf. Rudolf A. Makkreel, *Kant’s worldview: how judgment shapes human comprehension* (Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2022). Inegavelmente, a melhor explicação dada até hoje a respeito do conceito kantiano de cosmovisão.

<sup>3</sup>Cf. Edmund Husserl, *Philosophie als strenge Wissenschaft* (Frankfurt am Main: Klostermann, 1965), publicado originalmente, em 1911, na revista *Logos*.

cristã e protestante do conceito de cosmovisão. Segundo David K. Naugle, a oportunidade de articular a fé cristã com as categorias da teoria da cosmovisão surgiu pela primeira vez quando Orr foi convidado pelo United Presbyterian Theological College, em Edimburgo, para entregar uma série de palestras — as chamadas *Kerr Lectures* —, com o propósito de encorajar o desenvolvimento de uma teologia científica que não excluísse a grande contribuição da tradição cristã.<sup>4</sup>

Hoje, em pleno século 21, não faltam publicações sobre cosmovisão. Entretanto, ao mesmo tempo que a teoria da cosmovisão se torna cada vez mais popular, surgem inúmeras recepções ligeiras e superficiais que criam espantelhos da fé cristã e trivializam uma teoria que jamais deveria ser recebida de forma acrítica ou ingênua. É por essa razão que se torna mais do que urgente a publicação desta que é, para muitos, a *magnum opus* de Orr. Não meramente porque se trata da primeira abordagem cristã e protestante do conceito de “cosmovisão”, mas, acima de tudo, por ser um exemplo magistral de como um pensador cristão pode receber, com categorias bíblicas, históricas e dogmáticas, um conceito filosófico recente, e, além disso, usá-lo não apenas para servir à igreja, mas também à ciência.

JONAS MADUREIRA  
Editor-chefe de Edições Vida Nova

---

<sup>4</sup>Cf. David K. Naugle, *Cosmovisão: a história de um conceito*, p. 32.

# PREFÁCIO

Estas preleções, as primeiras da Fundação Kerr, são publicadas em cumprimento das condições do fundo que permitiram sua realização. O atraso com que apareceram se deveu à nomeação do autor para a cátedra de história da igreja no Theological College da Igreja Presbiteriana Unida, por ocasião do Sínodo de maio de 1891. Sua impressão ocorre sob o peso do trabalho e da ansiedade que cercam o preparo de um segundo curso de inverno. Com isso quero me desculpar por pequenos descuidos, inevitáveis em material tão volumoso.

As preleções foram impressas basicamente como foram apresentadas na primavera de 1891, com exceção, sobretudo, das partes que tiveram de ser omitidas na exposição oral por causa da restrição do tempo disponível, mas que foram aqui recuperadas no devido contexto. O material que não pôde ser convenientemente incorporado às preleções foi retrabalhado nos Apêndices e notas. Estas têm por função proporcionar não apenas referências a autoridades, mas também ilustrações, corroborações e o que pode ser comumente chamado de “assonâncias” de pensamento, extraídas de uma ampla gama literária, que, espero, ajudarão o leitor disposto a se empenhar no estudo aprofundado do assunto, guiando-o às melhores fontes de conhecimento. Desde que as preleções foram apresentadas, surgiram livros importantes, tanto aqui quanto no continente, que tratam de partes ou aspectos do campo aqui percorrido, como, por exemplo, entre as obras em inglês, livros como o inestimável *The incarnation* [A encarnação], de Gore, da Bampton Lectures, o *Pre-organic evolution* [Evolução pré-orgânica], do diretor Chapman, as *Lectures on natural theology and modern thought* [Preleções sobre teologia natural e pensamento moderno], de Kennedy Donnellan. As notas trazem referências esporádicas a essas e a outras obras.

Agradeço imensamente ao rev. professor Johnston, D.D., do United Presbyterian College, e ao rev. Thomas Kennedy, D.D., secretário do Sínodo, por sua generosa assistência na revisão das provas.

Edinburgh, fevereiro de 1893

## PRELEÇÃO I

.....

# A visão cristã do mundo em geral

Jesus Cristo é o centro de tudo e o alvo para o qual tudo tende.

**Pascal**

Se remetermos os antagonismos do presente ao seu princípio último, seremos obrigados a confessar que ele é do tipo religioso. O modo que o homem pensa em Deus e no mundo, e a relação dos homens uns com os outros, é decisivo para a tendência geral do seu pensamento, inclusive no que diz respeito a questões da vida puramente natural.

**Luthardt**

A verdade cristã, cuja confirmação nos diz respeito, é essencialmente uma, compacta em si mesma, vitalmente interligada e, como tal, orgânica ao mesmo tempo. Portanto, não é possível que alguém possua e retenha parte dela ao mesmo tempo que não possua ou rejeite outras partes. Pelo contrário, o elemento ou porção da verdade que se acreditava possuir ou manter isoladamente deixaria, pelo seu isolamento, de ser o que era ou é em si mesmo; ele se tornaria uma forma vazia ou uma casca da qual a vida, a realidade cristã, escapou.

**F. H. R. Frank**

Em nenhuma circunstância, a razão verdadeira e a fé verdadeira se opõem.

**Coleridge**

# PRELEÇÃO I

## A visão cristã do mundo em geral

### Questões introdutórias:

#### O termo *Weltanschauung*

Definirei brevemente o objeto das presentes preleções assinalando que tal objeto consiste na exibição e, até onde possível, no âmbito dos limites a mim atribuídos, na justificação racional do que chamei no título acima de “visão cristã do mundo”. Essa expressão, porém, precisa ser definida e explicada, e é o que farei em primeiro lugar, isto é, dar a explicação necessária.

Um leitor de obras teológicas alemãs de alto nível — sobretudo as que tratam de filosofia da religião — não pode deixar de se surpreender com a recorrência constante de uma palavra para a qual ele tem dificuldade de encontrar um equivalente preciso em inglês. Refiro-me a *Weltanschauung*, às vezes intercambiada por outra composta de mesma significação, *Weltansicht*. As duas significam literalmente “visão do mundo”, mas, enquanto a expressão em inglês se vê limitada por associações que a vinculam predominantemente à natureza física, em alemão o termo não tem essa limitação, tendo quase a força de um termo técnico, denotando a visão mais ampla que a mente pode ter das coisas no esforço de compreendê-las em conjunto do ponto de vista de uma filosofia ou teologia específicas. Falar, portanto, de “uma visão cristã do mundo” implica dizer que o cristianismo também tem seu ponto de vista mais elevado, e sua visão da vida a ele vinculado, e que esta, quando desenvolvida, constitui um todo ordenado.<sup>1</sup>

#### Necessidade de uma análise abrangente

Para alguns, o assunto que escolhi talvez pareça amplo e vago demais. Só posso dizer que o escolhi deliberadamente por isso mesmo, porque ele me permite tratar do cristianismo em sua inteireza, ou como um sistema, em vez de lidar com seus aspectos específicos ou com suas doutrinas. Os dois métodos têm suas vantagens; ninguém, entretanto, creio eu, cujos olhos estejam abertos aos sinais dos tempos,

---

<sup>1</sup>Veja Nota A: Exemplos da palavra *Weltanschauung* e termos correlatos.

deixará de perceber que o cristianismo tem de ser eficazmente defendido dos ataques contra si com o método abrangente, cuja urgência é cada vez mais notória. A oposição que se coloca diante do cristianismo não está mais restrita a doutrinas especiais ou a pontos de suposto conflito com as ciências naturais — por exemplo, a relação de Gênesis com a geologia —, mas se estende a toda forma de concepção do mundo e ao lugar do homem nele, à forma de conceber todo o sistema das coisas, naturais e morais, das quais fazemos parte. Não se trata mais de oposição ao detalhe, mas ao princípio. Essa circunstância requer igual extensão da linha de defesa. É a visão cristã das coisas em geral que está sob ataque, e é pela exposição e justificação da visão cristã das coisas em geral que o ataque poderá ser mais bem enfrentado.

### **Visão do cristianismo nas preleções**

Tudo aqui, claro, depende da visão que temos do próprio cristianismo. A visão referida no título é a que tem seu centro na Pessoa divina e humana do Senhor Jesus Cristo. Ela implica a verdadeira divindade, bem como a verdadeira humanidade do Redentor cristão. Trata-se de uma visão do cristianismo, bem sei, que não tenho a liberdade de tomar como consensual, mas que devo estar preparado, no devido momento, para justificar. Não me furtarei à tarefa que isso me impõe, mas gostaria neste momento de salientar que, para quem a aceita, haverá uma visão bastante definida das coisas. Aquele que acredita de todo o coração que Jesus é o Filho de Deus se compromete, por isso, com ainda muito mais. Ele se compromete com uma visão de Deus, do homem, do pecado, da redenção, do propósito de Deus na criação e na história, com uma visão do destino humano encontrada unicamente no cristianismo. Isso constitui uma *Weltanschauung*, ou uma “visão cristã do mundo”, que contrasta nitidamente com teorias formuladas de um ponto de vista exclusivamente filosófico ou científico.

### **A *Weltanschauung* na história — Kant etc.**

Pode-se dizer que a ideia de *Weltanschauung* entrou consideravelmente no pensamento moderno através da influência de Kant, que extrai o que ele chama de *Weltbegriff* da segunda de suas ideias da razão pura, atribuindo a ela a função de conexão sistemática de todas as nossas experiências a uma unidade do todo do mundo (*Weltganzz*).<sup>2</sup> A coisa em si, porém, é tão antiga quanto a aurora da reflexão

---

<sup>2</sup>Veja o Apêndice II, Ideia de *Weltanschauung*. Diz Kant: “Dou o nome de conceitos de mundo (*Weltbegriffe*) a todas as ideias transcendentais na medida em que se referem à totalidade absoluta na síntese dos fenômenos; em parte, por causa dessa mesma totalidade incondicionada, sobre a qual

e é encontrada numa forma mais crua ou mais avançada em todas as religiões e filosofias com alguma pretensão de caráter histórico. A forma mais simples em que a encontramos é no empenho hesitante de uma explicação geral das coisas nas cosmogonias e teogonias das religiões mais antigas, cujo caráter mitológico não nos deve cegar para o motivo racional que opera nelas.<sup>3</sup> Com o desenvolvimento da filosofia, surgiu um novo tipo de visão de mundo — que tenta explicar o universo como um sistema com a ajuda de algum princípio ou princípios gerais (água, ar, número etc.), acompanhado do uso de termos que implicam a concepção de um todo ou totalidade das coisas (τά πάντα, κόσμος — atribuído aos pitagóricos — *mundus, universum* etc.).<sup>4</sup> Um exemplo do pensamento antigo aparece em Lucrécio, que em seu célebre *De rerum natura* propõe: “da suma doutrina do céu e dos deuses começarei a dissertar e revelarei os princípios naturais, de onde a natureza toda a vida cria, aumenta e nutre, ou para onde a mesma natureza as dissolve, já extintas”.<sup>5</sup> As linhas gerais desse sistema são bem conhecidas. Com a ajuda de certos princípios primeiros — os átomos e o vazio — e de certas leis presumidas do movimento, ele procura dar conta do universo existente e constrói para si uma teoria nos moldes de Epicuro que, em seu entender, satisfaz suas necessidades intelectuais. Essa é sua *Weltanschauung* — cuja descendência se vê nos sistemas materialistas atuais. Um exemplo moderno disso pode-se ver na filosofia de Comte, que teoricamente consiste em fenomenalismo puro, só o que mais impressiona ilustra a necessidade do pensamento de tentar de alguma forma uma síntese da sua experiência. O ponto de vista comtiano é o do desespero do conhecimento absoluto. Contudo, ele reconhece a tendência da mente que a impele a organizar seu conhecimento e acha possível elaborar um esquema de existência que dará unidade prática à vida — em que a imaginação complementarás as insuficiências do intelecto. Nas palavras de um intérprete recente: “Mais além dos

---

também se assenta o conceito de todo universal (*Weltanz*) — que é ele mesmo apenas uma ideia —; em parte, porque apenas se referem à síntese dos fenômenos, síntese empírica, portanto; ao passo que, em contrapartida, a totalidade absoluta na síntese das condições de todas as coisas possíveis dará origem a um ideal de razão pura, inteiramente diferente do conceito de mundo (*Weltbegriffe*), embora ao mesmo tempo esteja em relação com ele”. [...] “A ideia cosmológica (*kosmologische Idee*) de um todo absoluto”, *Kritik d. r. Vernunft*, p. 302, 360 (tradução para o inglês de Bohn, p. 256, 310) [publicado em português por Lafonte sob o título *Crítica da razão prática*]. As referências a Kant ao longo deste livro são extraídas da edição da Erdmann (1884) [publicado em português por Fundação Calouste Gulbenkian sob o título *Crítica da razão pura*].

<sup>3</sup>Cf. Zeller sobre a *Teogonia*, de Hesíodo, *Pre-socratic philosophy*, p. 88-9 (na tradução para o inglês).

<sup>4</sup>Veja Nota B: Classificação da *Weltanschauungen*.

<sup>5</sup>Livro I, LI, p. 54-7 (tradução para o inglês de Munro). Cf. *Lucretius and the atomic theory*, do professor John Veitch, p. 13.

detalhes que constituem nossas ideias das coisas, há certo *esprit d'ensemble*, uma concepção geral do mundo externo e do mundo interno, em que esses detalhes amadurecem”.<sup>6</sup> Dificilmente acharíamos uma definição melhor do que a dessas palavras para explicar o significado de *Weltanschauung*. O centro da unidade nessa nova concepção do universo é o homem. O conhecimento será organizado unicamente no que diz respeito à sua relação com o bem-estar e o progresso da humanidade. Cria-se inclusive uma religião para atender aos desejos emocionais e imaginativos do homem no culto dessa mesma abstração — a humanidade, que deve ser entendida com afeição e gratidão como providência generosa interposta entre o homem e a forte pressão de suas condições externas. No aspecto moral, o indivíduo encontrará seu fim abrangente no “serviço à humanidade”. Portanto, insisto, temos uma *Weltanschauung* em que o conhecimento e a ação se acham interligados e organizados em uma única visão de vida.

### Causas das visões gerais do mundo

As causas que levam à formação da *Weltanschauung*, isto é, das teorias gerais do universo, que explicam o que ele é, como veio a ser o que é, e para onde tende, residem no âmago da constituição da natureza humana. Elas são de dupla natureza — especulativa e prática —, correspondendo ao duplo aspecto da natureza humana: pensante e ativo. Do lado teórico, a mente busca unidade em suas representações. Ela não se satisfaz com o conhecimento fragmentário, mas tende constantemente a passar de fatos para leis, destas para leis superiores e das últimas para as generalizações mais elevadas possíveis.<sup>7</sup> Em última análise, remete a questões de origem, propósito e destino, que, como questões suscitadas pela razão, ela não pode, por sua própria natureza, recusar-se a pelo menos tentar responder.<sup>8</sup> Até mesmo para provar que é impossível dar uma resposta a elas, é preciso discuti-las, e será estranho se, no decurso dessa discussão, não se descobrir que sob a profissão de ignorância afinal espregueira algum tipo de teoria positiva.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Caird, *Social philosophy of Comte*, p. 24.

<sup>7</sup> Cf. Strauss: “Procedemos dos círculos isolados dos fenômenos à nossa volta, da base estável e das forças elementares, em direção à vida vegetal e animal, à vida universal da Terra, desta para a do nosso sistema solar e até mais longe ainda, até que finalmente tenhamos compreendido toda a gama da existência numa única representação, que é a representação do universo”, *Der alte und der neue Glaube*, p. 150 [A antiga e a nova fé].

<sup>8</sup> “À medida que a ciência se torna mais consciente de seus problemas e de seu objetivo, ela pejeja mais incansavelmente rumo à região em que a física se dissolve na metafísica”, Fairbairn, *Studies in the philosophy and history of religion*, p. 88 [Estudos em filosofia e história da religião].

<sup>9</sup> Veja Nota C: Metafísica do inconsciente.